

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL



Lula sábado na Paulista: últimos momentos de uma era

Um novo tempo na lógica política brasileira

Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, está reeleito para um quarto mandato como presidente. Mas o que se verá no Brasil a partir de agora alterará a lógica política do país desde 1945, que era baseada na tríade PSD, PTB e UDN. Como mostra a cientista política Lúcia Hippolito em seu obrigatório “PSD, de Raposas e Reformistas”, até 1964 a estabilidade política brasileira baseou-se numa aliança entre o PSD e o PTB. O PSD era o partido de centro que unia boa parte da antiga elite agrária que governou o país na República Velha com novos rostos surgidos entre profissionais liberais com o crescimento das cidades, como Juscelino Kubitschek. O PTB reuniu a classe trabalhadora que ascendia com o fortalecimento dos sindicatos. Na oposição, a UDN tornou-se o partido dos conservadores, empresários, mundo financeiro e parte também dos novos profissionais liberais nas cidades.

Partidos pós-ditadura mantiveram

Essa lógica só foi quebrada quando Jânio Quadros foi eleito, gerando tremenda instabilidade. Ampliada com a renúncia de Jânio. Num tempo em que presidente e vice eram eleitos separadamente, o de Jânio era João Goulart, do PTB. Jango suou para tomar posse. Acabou governando pressionando por esquerda e direita o tempo todo. Resistiu por dois anos até ser colhido pelo golpe militar em 1964. Quando o Brasil reconquistou a democracia, as novas forças políticas se organizaram mantendo a mesma lógica.

RAFAEL NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL



Direita que emergiu com Flávio também não é a mesma

A sombra da tríade permaneceu

Primeiro o MDB, depois o PSDB e, mais recentemente, o PSD e outras legendas de centro mantiveram o papel de “partidos da governabilidade” que tinha o PSD. O PT, modernizado com novas teses, tornou-se a principal força do trabalhismo. Partidos como o União Brasil e o Progressistas ocuparam o espaço da antiga UDN. Na redemocratização, alianças mudaram. Mas a sombra da antiga tríade sempre permaneceu. A não ser no rápido soluço produzido pela vitória de Fernando Collor em 1989. E quando Jair Bolsonaro venceu em 2018.

Tudo mudou agora

Esta eleição de 2026 parece provocar uma profunda mudança nessa lógica. As grandes alterações nas relações entre patrões e empregados enfraqueceram o modelo trabalhista tradicional. Sindicatos já não têm a mesma importância. Fora Lula, nenhum dos velhos caciques do PT conseguiu ser eleito. O que emergiu das urnas é uma nova geração produzida a partir de novos embates.

Nova oposição

Mesmo o crescimento de Lula ocorrido no segundo turno não foi produzido pela cúpula petista nem pela sua campanha. Mas por estudantes nas ruas e por André Janones, que é um deputado da Rede, desconsiderado no primeiro turno. Nomes como a deputada eleita Ana Elisa (PT-MG) são uma nova oposição.

Nova direita

Da mesma forma, o que emerge a partir de Flávio Bolsonaro e dos nomes que foram eleitos tanto no Senado quanto na Câmara, tornando o PL o maior partido nas duas Casas, são uma nova direita. Contamos aqui na sexta-feira os esforços do Centrão para não perder sua hegemonia no Congresso. Terão trabalho.

Outra agenda

O que se projeta é que o embate político a partir de janeiro vai se dar a partir de uma nova agenda. Os temas que a nova direita tentará implementar não são os que eram representados pelo velho centro com cara de PSD do passado. Provável aprovação de projetos de maior rigor na área de segurança, temas ligados a costumes, questões ambientais.

Também à esquerda

Da mesma forma, deverá haver uma mudança na agenda à esquerda. Foi visível no terceiro governo Lula certo descompasso em diversos momentos entre as novas aspirações da sociedade e uma visão envelhecida. Um caso emblemático foi a tentativa de regulamentar o trabalho de motoristas de aplicativo procurando aproximá-los da CLT.

Coadjuvantes

Tudo isso projeta pela primeira vez um embate entre novas forças políticas no país. As velhas forças, naturalmente, irão se mover e procurar seus espaços para não perder relevância. Mas tudo indica que elas terão que se encaixar em papéis coadjuvantes. Pelo menos neste primeiro e como se aglutinarão agora diante da vitória de Lula.

Nada será como antes

Restará saber, então, o que acontecerá em 2030. Lula disputou neste domingo sua última eleição. Venceu novamente. Mas o PT não tem um nome para sucedê-lo. Pela direita, resta saber quem disputará. Alguém ainda do clã Bolsonaro? Outro nome que emerja da direita? Um fato, porém, parece estar claro. Nada será como antes.

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL



Celina Leão foi reeleita no Distrito Federal

Segundo turno define governadores em seis unidades

Celina Leão, no DF. e Mailza Assis, no Acre, garantem reeleição

Por **Beatriz Matos**

Além da acirrada disputa pela Presidência da República, o segundo turno das eleições de 2026 movimentou as urnas neste domingo (25) com disputas pelo comando de seis unidades da Federação.

Eleitores do Acre, Amazonas, Distrito Federal, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Tocantins foram às urnas para escolher quem vai governar pelos próximos quatro anos. O resultado garantiu novo mandato a duas governadoras reeleitas e elegeu quatro novos chefes do Executivo estadual, em disputas que envolveram alianças regionais e o peso de lideranças nacionais.

DUAS REELEIÇÕES

No Distrito Federal, Celina Leão (PP) foi reeleita governadora ao derrotar Leandro Grass (PT). Celina assumiu o Palácio do Buriti em março, após a renúncia de Ibaneis Rocha (MDB), de quem era vice desde 2023.

A continuidade da mesma forma também prevaleceu no Acre. Mailza Assis (PP) derrotou o senador Alan Rick (Republicanos) e garantiu mais quatro anos à frente do governo estadual. Mailza as-

sumiu o Executivo em abril, após a saída de Gladson Cameli (PP), que deixou o cargo para concorrer ao Senado.

No Amazonas, o senador Omar Aziz (PSD) venceu Professora Maria do Carmo (PL) e retornará ao comando do estado, cargo que ocupou entre 2010 e 2014.

No Espírito Santo, o ex-prefeito de Vitória Lorenzo Pazolini (Republicanos) derrotou o governador Ricardo Ferraço (MDB).

SÓ UM NO NORDESTE

Já no Rio Grande do Norte, o ex-secretário estadual da Fazenda Cadu Xavier (PT), que adotou o nome Cadu de Lula nas urnas, venceu o ex-prefeito de Mossoró Allyson Bezerra (União Brasil). No primeiro turno, Alysson Bezerra estava à frente. O Rio Grande do Norte foi o único estado do Nordeste onde houve segundo turno.

No Tocantins, o deputado federal Vicentinho Júnior (PSDB) foi eleito governador ao derrotar Professora Dorninha (União Brasil).

Os resultados encerram as disputas estaduais que chegaram ao segundo turno e definem a composição dos governos para o período de 2027 a 2030. Os eleitos assumirão em janeiro de 2027.